

## Literatura, cinema e educação.

Prof. Dr. Antonio Mateus (CMRJ).<sup>1</sup>

...

### Resumo:

*O diálogo entre o cinema e a literatura torna-se cada vez mais intenso na contemporaneidade. A adaptação de obras literárias para o cinema não é um fato novo, no entanto a escola continua alheia a esse diálogo. Acreditamos que a leitura crítica da relação intertextual entre obras literárias e filmes é um instrumento educativo indispensável para a formação intelectual dos estudantes*

**Palavras-chave:** literatura, cinema, educação, discurso cínico, intertextualidade.

### Introdução

Bakhtin afirma que nenhum locutor é uma espécie de Adão bíblico perante objetos virgens, ainda não designados (BAKHTIN, 1992: 319). Isso nos coloca diante do fato de que o objeto do discurso é o ponto de encontro de diferentes orientações e posicionamentos dentro da arena discursiva.

A relação entre o cinema e a literatura não é diferente disso. Acreditamos que essas duas linguagens devem dialogar sem que haja diluição ou servilismo. A fidelidade do cinema à literatura é uma ilusão, mas a diluição da literatura no cinema é uma traição. O que desejamos encontrar é uma relação criativa e crítica entre as duas artes. Quando a criatividade e a crítica andam juntas, o leitor e o espectador ganham esteticamente, politicamente, eticamente e existencialmente.

Um exemplo bem sucedido desse diálogo é a adaptação da peça *El método Grönholm* de Jordi Galceran para o cinema. No Brasil, o título escolhido para o filme foi *O que você faria?* e a direção foi de Marcelo Piñeyro. É o caso que passamos a analisar a seguir.

## 1 PARA UMA CRÍTICA DO DISCURSO CÍNICO NEOLIBERAL

Jordi Galceran, autor da peça *El método Grönholm*, já declarou que a idéia original da peça foi desencadeada por uma notícia de jornal sobre anotações a propósito de uma seleção de funcionários, as quais foram encontradas numa lata de lixo. Nessas anotações, os comentários eram altamente agressivos e cheios de desprezo pelos candidatos com frases machistas, xenofobia e muita crueldade. Por traz de uma suposta essência psicológica que os métodos de seleção supõem captar, há o preconceito historicamente materializado nos padrões e perfis psicológicos usados como referência nos testes.

O jornal *El País* de 9/12/2007 intitula a matéria sobre a peça de forma significativa: “Toda una selva laboral”. O jornal transmite ainda outras declarações do autor. Diz ele que a peça trata dos pequenos efeitos colaterais do capitalismo. De fato, tanto no filme como na peça, vemos pormenores do comportamento e das estratégias para superar a concorrência na luta por um cargo.

Galceran adiciona que a idéia de jogo como metáfora do relacionamento humano é recorrente nas obras que escreveu, mas se destaca na peça citada. Um exemplo disso está nas situações criadas no teatro e no cinema. O processo de seleção é realizado através de jogos, ou dinâmicas, como preferem os profissionais de recursos humanos. Na peça original, uma das situações criadas envolve um palhaço, um toureiro, um político e um bispo que devem defender perante seus companheiros o direito de utilizar o único pára-quedas existente em um avião em chamas que está perto de cair. A

situação recriada para o filme se refere à defesa do direito de permanecer num abrigo atômico demonstrando a utilidade de seus serviços para os habitantes dessa moradia apocalíptica. Os personagens são colocados em situações extremas, no limite entre a vida e a morte.

Percebe-se pelo exemplo anterior que há diferenças entre a peça e o filme. Houve uma recriação da peça na tela. Não vemos mudança de estratégia no que toca à organização do enredo. O conteúdo das provas sofre algumas alterações, mas continua havendo uma seqüência de dinâmicas onde os candidatos se enfrentam para defender o direito de permanecer na luta pelo cargo.

A maior diferença entre as tramas está na quantidade personagens e no número de psicólogos infiltrados. No filme, existem oito personagens. Há dois infiltrados: Ricardo e Montse, os quais representam a empresa. Os outros seis são concorrentes. Carlos e Nieves são rotulados por Ana de membros da nova escola, por serem mais jovens. Por sua vez, Ana e Fernando fariam parte da velha escola. Fernando também fica conhecido como o macho ibérico, sendo chamado ainda de John Wayne, por Carlos, devido à truculência que lhe é própria. Julio é o David, dublê de ecologista, que luta contra o Golias empresarial poluidor de rios. Enrique é chamado pelo psicólogo Ricardo de equilibrista, pois está sempre em cima do muro, já que não quer se indispor com ninguém nem assumir posições.

A interação entre o espaço fechado da sala em que os candidatos se reúnem e o entorno do prédio da Dekia ganha um novo significado no cinema com o acréscimo dos protestos contra a globalização, que ocorrem no mesmo dia do processo seletivo. Dentro da sala, os candidatos ouvem com dificuldade os protestos que o povo em uníssono entoia na rua, enquanto a competição selvagem, desleal, acontece no espaço fechado, semelhante à prisão, em certos momentos, quando a porta trancada barra a livre circulação dos candidatos até o banheiro, por exemplo. O campo visual dos candidatos é muito limitado também em relação ao espaço da rua, apesar da enorme janela que existe na sala. Ela fica hermeticamente fechada, dificultando a audição e o ângulo de visão também. Esse fechamento dos concorrentes assume conotação metafórica, caso pensemos na falta de liberdade ou no desrespeito à liberdade alheia dentro daquele recinto.

A dificuldade de ver e a dificuldade de ouvir conotam igualmente a condição dos concorrentes em relação ao processo de seleção, mas também no que toca aos efeitos maléficos que a empresa produz na vida dos concorrentes, no ambiente e no povo. A cegueira e a surdez dos concorrentes contribuem para a disparidade de compreensão entre a platéia do filme e os personagens. A platéia ouve o coro do povo que pede união, mas assiste à desunião suicida que vai destruindo a vida dos concorrentes dentro da sala. A cegueira dos concorrentes se materializa nos monitores que a platéia vê em certa altura do filme, enquanto os concorrentes passam boa parte do filme na dúvida ou na ignorância sobre os olhos eletrônicos que vigiam os seus passos.

A abertura do filme é carregada de conotações que se interligam. Primeiramente, escutamos apenas o tique-taque do relógio e vemos um braço que pende da cama na casa do candidato Júlio. O despertar estridente dos relógios solicita que os personagens acordem, porém pode ser lido também como um despertar simbólico para a tragédia que se abate sobre o cotidiano das pessoas. A tela fica dividida para mostrar os protestos contra a globalização e o despertar dos concorrentes. O tempo histórico interfere na rotina do cotidiano, dificultando o itinerário corriqueiro da cidade. O filho de Ana, uma das candidatas, não quer ir à escola por causa da confusão estabelecida na cidade, contudo a mãe adverte o filho de que haverá confusão de verdade, se ele não for à escola. O global interfere no local, todavia os candidatos enfrentam o caos da cidade e avançam impávidos até a arena da empresa.

A tela dividida mostra imagens do confronto entre manifestantes e guardas. A notícia é ouvida no rádio do táxi que o candidato Enrique usa para ir até a Dekia; é vista na televisão por Ana e o filho durante o café da manhã; é lida por Fernando no jornal que ele está folheando no bar onde toma café. A manchete do jornal de Fernando resume o acontecimento: *“Comienza hoy la cumbre*

*FMI-BM em un Madrid sitiado*”. Os cartazes pelos quais passa Carlos reescrevem a versão do jornal do ponto de vista dos manifestantes, respondendo à conotação militar existente no viés da palavra “sitiar” com a expressão do desejo de um outro mundo, sem a opressão econômica do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial: “*Contra el FMI-BM. Otro mundo es posible*”.

O trecho final da abertura mostra Carlos de motocicleta, passando entre os carros, presos num engarrafamento e chegando à empresa. Nesse momento, a tela dividida registra a imagem de um guarda que inspeciona o fundo de um carro com um aparelho usado para detectar bombas, indiciando a preocupação com a segurança e conotando o caráter explosivo do momento enfrentado pela cidade. Depois, Carlos entra na sala da secretária Montse e a música suave da Bossa Nova enche o recinto com a melodia de *Wave* de Tom Jobim. Isso corta o ruído que vem da rua, dando a impressão de calma naquele espaço que está completamente alheado da agitação que tomou conta da cidade.

A trilha musical dialoga ironicamente com as cenas. O estresse da concorrência se confronta com a música do ambiente que é suave, como no exemplo de *Wave*. Há o caso da música *Patrícia*, um mambo de Pérez Prado que possui três versões no filme. Uma das versões é cantada por Caetano Veloso. O verso que fala de sincero amor, misturado ao ritmo latino do mambo e aos estereótipos que ele carrega, transforma-se num comentário irônico a respeito do casal Nieves e Carlos. É bom lembrar ainda que *Patrícia* é a música escolhida para a cena inicial de *La doce vita* de Fellini, quando um helicóptero carrega uma estátua de Cristo através da cidade, trazendo, por isso, uma conotação cinematográfica da cidade e de seu mundanismo, conotação que afeta ar canalha de Fernando, intrometendo-se na relação de Carlos e Nieves.

A divisão da tela remete aos monitores usados para observar os candidatos, à maneira de um *Big Brother* empresarial. A divisão sinaliza igualmente a separação das pessoas que participam da luta pelo cargo e do mundo fechado da empresa em contraposição ao mundo fora da empresa, assim como indica os conflitos do mundo globalizado.

Façamos a análise de alguns conflitos presentes nas situações enfrentadas no filme. Carlos é o penúltimo a chegar na sala e recebe a recomendação de preencher um formulário. Ele contesta, pois já preencheu aqueles formulários ou alguns parecidos. A secretária, na verdade, uma avaliadora, responde com um sorriso cínico. Pouco tempo depois, assistimos à entrada de Ricardo, o segundo avaliador infiltrado. Ele é o último a chegar. Mostra grande insatisfação com a necessidade de preencher mais uma vez o formulário. Considera isso uma humilhação. Então, ocorre um diálogo entre Ricardo e Montse, os representantes do departamento de recursos humanos. A falsa secretária está sempre sorrindo cinicamente. Ela volta a informar que ele não precisa fazê-lo, acenando com a hipotética liberdade do candidato de concordar ou não. Como já dissemos, trata-se de um jogo cínico com a idéia de livre-arbítrio, inexistente na verdade. Montse vê na resistência de Ricardo uma atitude pouco flexível. Ricardo retruca com a idéia de que aquilo é um teste para a paciência dos candidatos. Fernando, caindo no jogo cínico dos infiltrados, curva-se à empresa e diz, com sorrisos, em apoio de Montse, que Ricardo deve permitir que os outros se rebaixem, caso ele não queira rebaixar-se. Enrique dá sua contribuição, esclarecendo ao colega que os formulários não são exatamente iguais, como se, dessa maneira, acalmasse o colega ou justificasse a repetição do gesto. Uma comédia de enganos é representada diante da platéia. O sorriso estampado no rosto de Montse em várias ocasiões dá a entender que as regras são essas e não podem mudar. Caso alguém não goste, deve ir embora, porém ir embora, ironicamente, também não é uma opção para aqueles que estão no processo, já que o trabalho não pode ser eliminado de suas vidas. A multidão que está nas ruas protestando é a prova de que o desemprego causado pelas políticas do FMI e do Banco Mundial não deixa opções para as pessoas quanto à procura de trabalho, mesmo para executivos qualificados como Julio – o primeiro a ser cancelado do processo.

O próprio Ricardo, misto de psicólogo e ator, cria uma biografia fictícia para si mesmo, na qual a demissão de trabalhadores é um ingrediente importante. Isso ocorre durante uma conversa

reservada com Enrique sobre os protestos contra a globalização. Nessa conversa, Ricardo diz que já foi líder sindical e estava com medo de que a empresa descobrisse seu passado, coisa que não cairia bem para um executivo. Também nesse diálogo, Enrique acaba revelando que pediu uma folga na atual empresa onde trabalha para participar das dinâmicas na Dekia. Ricardo ironiza-o, apontando para o desejo oculto de Enrique de ficar bem com a empresa e com os trabalhadores. Essa dubiedade é chamada por Ricardo de equilibrismo. Montse e Ricardo colocam Enrique diante da necessidade de optar, quando ela, escutando a conversa dos dois, faz perguntas diretas e objetivas a respeito dos protestos de rua e da conversa particular dos dois. Enrique entra em desespero e acaba denunciando o passado sindical de Ricardo. O psicólogo sai da sala derrotado, todavia retorna triunfante. Explica quem é e dispensa Enrique, não esquecendo de esclarecer que toda aquela experiência será boa para ele, que teve ali uma oportunidade de aprendizado e, no futuro, talvez até agradeça.

Encontramos economistas e advogados entre os candidatos. Carlos é economista e Fernando é advogado. Julio, por sua vez, tem dupla formação: Economia e Direito. Cuidemos do cálculo de vantagens e desvantagens que está relacionado à lei no filme. Isso pode ser notado no episódio que envolve o personagem Júlio Quintana. Ele põe a lei de proteção do meio ambiente acima dos interesses econômicos da empresa, fábrica de pesticidas, onde trabalhou.

Diga-se, de passagem, que há, antes do julgamento sobre a permanência de Júlio Quintana no processo seletivo, uma discussão sobre o método de seleção usado e Enrique Leon diz que, em alguns casos, câmeras escondidas são utilizadas. Júlio questiona a legalidade desse procedimento, sendo contestado por Fernando, já que a ilegalidade não é um problema para o poder da empresa. Fica no ar a insinuação de que a lei é para tolos, visto que a experiência acumulada pelo saber mundano comprova essa realidade perversa (SLOTTERDIJK, 2007: 38). Júlio não se convence e insiste na diferença entre a legalidade e a ilegalidade. Somos colocados diante de duas opções: o lucro ou a lei. Transgredindo a lei, o lucro da empresa é garantido, mas, nesse caso, o executivo se transforma num criminoso. Conhecemos o resultado da prova de Julio. Ele foi eliminado do processo por ter, segundo Nieves, traído o interesse da empresa ou, conforme a interpretação cínica de Carlos, por ter falhado na comunicação eficiente das conseqüências da poluição à empresa. Culpa Júlio de traição ou de ineficiência em comunicar-se com seus superiores, os colegas auxiliam a Dekia, porque escondem a perseguição contra uma voz denunciadora (David) das práticas ilegais da empresa (Golias). A voz metálica do computador anuncia o fim do jogo para Julio. O monitor indica que não há mais sinal. Ele sai e Fernando, que fez a defesa dele, protesta. Como se fosse uma ameaça, o monitor de Fernando também se apaga. Ele reclama, não gosta de brincadeiras. A máquina volta a funcionar para que, logo depois, as máquinas de todos se apaguem, estendendo a ameaça aos outros, pois não podemos esquecer que Julio, pouco antes, foi eleito o líder do grupo. A secretária volta à sala para avisar que o processo será encerrado e todos foram dispensados. Ela faz uma pausa e, sempre com um sorriso cínico, diz que foi uma brincadeira. As máquinas tiveram um defeito. Ela dá uma solução e sugere um intervalo.

São muito lúcidas as reflexões de Michel Foucault sobre a transgressão da lei. Entrevistado por Roger Pol-Droit, comenta que é uma ficção acreditar que as leis são criadas para que sejam acatadas. Na verdade, é uma ficção também crer que a polícia e os tribunais zelam pelo respeito à lei. O autor de *Vigiar e punir* classifica ainda a crença de que aderimos definitivamente às leis da sociedade na qual estamos inseridos como uma ficção teórica. Depois, ele avança de forma esclarecedora no assunto com a seguinte declaração:

Todo mundo sabe, também, que as leis são feitas por uns e impostas aos outros. Parece, porém, que se pode dar um passo a mais. O ilegalismo não é um acidente, uma imperfeição mais ou menos inevitável. É um elemento absolutamente positivo do funcionamento social, cujo papel está previsto na estratégia geral da sociedade. Todo dispositivo legislativo organizou espaços protegidos e aproveitáveis, em que a lei pode ser violada, outros, em que ela pode ser ignorada, outros, enfim, em que as infrações são sancionadas.

No limite, eu diria, simplesmente, que a lei não é feita para impedir tal ou tal tipo de comportamento, mas para diferenciar as maneiras de burlar a própria lei. (FOUCAULT, 2006: 50)

Aplicando as palavras de Foucault às obras que estamos estudando, poderíamos encontrar situações que ilustram bem a gestão da ilegalidade a que se refere o pensador francês. Acabamos de fazer menção ao caso de Júlio Quintana. Loïc Wacquant, discutindo a política de tolerância zero importada por países latinos, cita o criminalista Adam Crawford para discutir o nome dado à suposta política de segurança. No prefácio que Wacquant escreveu para a tradução publicada em Buenos Aires, ele aponta para a discriminação que está por trás da tolerância zero, pois o que está em jogo não é a aplicação rigorosa de todas as leis – coisa que seria inviável e até intolerável. Na verdade, o que ocorre é a perseguição de certos grupos em determinadas regiões simbólicas no que toca à distribuição desigual de renda na sociedade. Os chamados crimes de colarinho branco não são combatidos com vigor pela tolerância zero, assim como não são combatidos, com energia, crimes contra o meio ambiente, cometidos por grandes empresas. Da mesma maneira, fica impune aquele que possui suficiente poder econômico para contratar serviços criminosos de assassinos: o mandante. É por esse motivo que o criminalista, citado por Wacquant (2004: 17), conclui que a denominação da falsa política de segurança adotada deveria ser, com mais justiça, intolerância seletiva.

Diferentes maneiras de burlar a lei são representadas em variadas ocasiões do processo de seleção. Os debates entre os candidatos são pontuados por sorrisos cínicos diante da relação entre a lei e a empresa, mas ao mesmo tempo, ironicamente, os personagens ratificam a importância da lei em suas falas. No episódio do abrigo contra a catástrofe nuclear, no discurso da defesa de sua permanência, Fernando argumenta que alguém deve manter a ordem no abrigo e apresenta suas credenciais militares que o habilitam à prestação desse serviço. Nieves rebate a tese de Fernando, manifestando grande repulsa pela idéia de dar uma organização militar ao abrigo. Ela pensa que a manutenção da ordem pode ser feita pelo grupo, visto que adultos responsáveis podem dialogar para resolver seus problemas. Fernando não se dá por vencido e dispara sobre Nieves a possibilidade de que um dos componentes do grupo fique descontrolado no abrigo e resolva comer além da medida estipulada de ração, precisando ser contido de forma violenta. Fernando se julga capaz disso. Ricardo interfere, observando que Fernando é advogado e a lei é necessária no refúgio. Carlos discorda, acha que se ele conhecesse as leis da Física seria útil, já que houve uma catástrofe nuclear. Ricardo responde que a lei sempre é útil, mesmo depois da catástrofe. Essa afirmação, partindo do infiltrado no grupo, soa fortemente irônica, porque ele representa, concretamente, mais um instrumento de violação do direito dos concorrentes através da sua presença no meio deles, ou melhor, Ricardo conduz os candidatos ao constrangimento, assediando-os moralmente com as armadilhas preparadas ao longo de todo o processo.

A própria saída de Ana, durante a prova do abrigo, é uma forma de burlar a lei, uma vez que a responsabilidade pela sua eliminação recai sobre os concorrentes. A discriminação relativa à idade e ao gênero é explicitada na questão que Ana dirige aos colegas, quando pergunta se foi eliminada por ser mulher, por ter passado dos quarenta anos ou pelas duas coisas. Nieves tenta temporizar, dando a entender que eles não a eliminaram, já que não fizeram as regras do jogo. Enrique auxilia Nieves quando insinua que a culpa é da própria Ana, por não saber defender sua importância para a vida do grupo.

Ricardo protagoniza uma cena que se destaca no trato cínico com a lei. Recapitulemos o evento que começa no intervalo posterior à saída de Ana, passa pela eliminação de Enrique e culmina pouco antes da prova com a bola, a qual reúne Fernando, Carlos e Nieves. Ricardo conta a Enrique que trabalhou na época em que ainda estudava, numa empresa pública na Argentina, que foi privatizada. A nova direção assumiu um compromisso com o governo de não fazer demissões, contudo burlou-o. Ricardo desempenhou o papel de líder sindical durante as negociações que foram feitas no período do “reajuste estrutural”, eufemismo para corte ou demissão. Isso foi confidenciado a Enrique.

A conversa reservada evoluiu e desembocou nas manifestações contra a globalização. Ricardo fez a defesa dos protestos e Enrique divergiu dele. Montse se aproximou e puxou conversa sobre o movimento das ruas. Ricardo foi favorável e procurou enredar Enrique, o qual se exaltou e chamou Ricardo de sindicalista. Montse pressionou Enrique até que ele denunciou Ricardo, que teve de abandonar a prova, porém voltou logo. Disse então que era o infiltrado e dispensou o desconsertado Enrique.

Em seguida à partida de Enrique, presenciada pelos três que restaram, ocorre a cena que destacamos. Nela a prepotência da empresa e de seus representantes esmaga os candidatos com ar irônico. Fernando quer saber se há câmeras ou não. Ricardo, sempre sorrindo cinicamente, nega a existência delas, mas faz questão de frisar que não é pela ilegalidade. Elas não são usadas porque isso não seria algo ético. Ricardo ainda reforça a negação ao dizer que não é do feitio daquela empresa agir assim. O não de Ricardo, na verdade, é um sim irônico sobre a existência das câmeras. A perversidade lúdica simula a virtude com a máscara da lei e da ética. Nesse jogo perverso, alguém nega fazer o mal, mas, efetivamente, pratica-o.

Os episódios são permeados pelo fatalismo. No discurso desses personagens, desponta a desilusão com a possibilidade de mudar as coisas. A vida é assim, não fizemos as regras, você não atingiu a meta, não é pessoal, só procurei defender-me, apenas representei um papel. Essas frases resumem argumentos cínicos recorrentes no discurso dos concorrentes. Os argumentos citados formam o código do modo cínico de viver, que procura eternizar-se sempre através de uma suposta lei da vida.

Há passagens do filme que se comunicam por possuírem referências conotativas ao mundo dos instintos que habitaria o ser humano, ditando-lhe as leis da vida. Visitemos essas belas peças retóricas, forjadas com os argumentos do cinismo empreendedor dos concorrentes ao cargo da Dekia. Carlos é responsável por uma dessas peças retóricas que é apresentada na prova para defender sua permanência no abrigo antinuclear. Nessa prova, Carlos e Ana são obrigados a debater, porque precisam convencer seus companheiros do mundo pós-catástrofe nuclear sobre a relevância das habilidades registradas nos seus currículos para a comunidade que será formada no abrigo. Ana se defende com o argumento de que faz milagres na cozinha, mas é questionada, porque essa habilidade não consta do currículo exibido na tela do computador para os colegas. Carlos se apóia na capacidade de contar histórias para tornar a vida no abrigo menos tediosa. Ele comprova essa capacidade de duas maneiras: com o registro no currículo e com uma demonstração prática de sua habilidade. Carlos se declara um aficionado pela arte literária. Para Ana, um bom prato sempre será melhor que um conto. Carlos diverge de Ana e indaga se ela já leu Jack London. Ela não mostra intimidade com a obra do escritor americano e isso serve de deixa para Carlos iniciar sua prova prática. Ele resume o enredo de um conto que fala de um velho esquimó, como forma de criticar Ana por ter pegado carona no argumento de Nieves, a qual se ofereceu para ser a “mãe da humanidade pós-atômica”, conforme a síntese de Ricardo. Antes do seu relato, Carlos interrogou Ana a respeito de sua idade avançada para uma gravidez sem risco. Isso esclarece o destinatário da história e a moral que podemos tirar dela, porém nos conduz também a refletir sobre as leis e a ética num mundo catastrófico que o cinismo inventou. O resumo do conto, que foi apresentado por Carlos, é o seguinte:

Jack London... escreveu um conto sobre uma tribo de esquimós que migra sazonalmente. É a história de um ancião cansado, quase cego, que sente que não pode acompanhar a tribo e, então, todo o grupo pára e se despede dele, um por um, seus filhos também e, simplesmente, deixam-no ali com um pouco de lenha. O ancião se senta na neve, tranqüilo, lembrando-se do que foi sua vida. E quando acaba a lenha, morre congelado (PIÑEYRO, 2004).

Ana pergunta a Carlos se o tipo de história que ele pretende contar é desse feitio, deixando implícita a sua reprovação. Ele não se incomoda, destaca o caráter didático do conto e afirma que muita gente tem o que aprender com a narrativa apresentada. A ironia de Carlos desequilibra Ana, que se torna mais agressiva, mostrando-se ferida com o ataque feito.

No resumo feito por Carlos, encontramos uma apropriação retórica da condição do esquimó, que é equiparado ao habitante da comunidade pós-catástrofe nuclear. A radiação atômica e a migração sazonal são formas de colocar o ser humano no limite da sobrevivência, quando todos são inimigos e ninguém está disposto a carregar um fardo. Além disso, há a idéia de ciclo vital. A vida é dividida em fases evolutivas rígidas que se encadeiam, sem que possamos mudar nosso destino. Existe uma força que opera em nossa natureza íntima e programa cada passo. O trabalho e a engenhosidade humanos não podem reagir ao determinismo do ciclo vital na concepção cínica da vida. O homem perde o vigor criativo que lhe permite esgotar as possibilidades existentes e inventar novas possibilidades de viver ou, então, de inventar novos problemas e novas soluções.

É significativa a escolha de Jack London como interlocutor intertextual naquela prova específica. Sabemos que esse escritor americano é um autor que não apenas escreveu histórias memoráveis, mas fez também de sua vida uma obra cheia de fatos surpreendentes. Jack foi um aventureiro e um homem de Letras que aprendeu com a universidade da vida. Foi pescador ilegal de ostras, marinha e esteve no Alaska em busca de ouro. Como autodidata, conheceu Darwin e Marx. Suas narrativas estão repletas de menções às forças da natureza, como atestam alguns títulos de suas obras: *Call of the wild* e *The sea wolf*, por exemplo.

O conto a que Carlos se referiu chama-se *The law of life* (LONDON, 2001: 70-85). Ele trouxe para o contexto catastrófico das dinâmicas de grupo o embate das forças da natureza que se manifestam nesse conto. Elementos, carregados de conotação, pedem um olhar mais atento às figuras que compõem essa história. O conto de Jack London sofre uma apropriação pelo discurso de Carlos, ingressando na lógica da luta pela sobrevivência dos mais aptos ou acomodados à ordem de valores vigentes. Nessa lógica, aqueles que não dão lucro ou não atingem as metas estabelecidas são descartados. As diferenças em relação aos padrões de medida oficializados são condenadas e excluídas. Ocorre uma normalização dos valores oficiais em torno do mito do desempenho. Não há espaço para a dúvida nesse mundo. Fala-se com grande desenvoltura sobre a lei da vida, a essência do ser humano e sua natureza profunda e imutável. É o reino da necessidade, das causas finais, do determinismo.

Esse clima é interpretado por Sloterdijk no contexto do que ele chama de “atmosfera overkill” (SLOTERDIJK, 2007: 214). Overkill é uma gíria usada para indicar o excesso de armas nucleares existentes. Tal excesso possibilita a destruição não só de um inimigo, mas também do próprio mundo onde vivemos, devido à incrível potência das armas nucleares disponíveis, ou seja, há um excedente de poder destrutivo na atmosfera. O filósofo, um crítico da razão cínica, percebe que a retórica militar trocou a figura do herói agressivo pelo herói defensivo, pois o argumento da legítima defesa fundamenta a tese cínica. Invocando a necessidade de autoconservação, os cínicos antecipam a gravidade da situação para impulsionar a corrida armamentista, sempre em nome de uma legítima defesa que beira muitas vezes o homicídio. Tudo é permitido em nome da legítima defesa. Assim agem os concorrentes ao cargo da Dekia. Estão apenas defendendo seus direitos, suas vidas. São heróis defensivos também.

## **Conclusão**

O filme de Marcelo Piñeyro recria a literatura dramática de Jordi Galceran, aliando-se a ela para resistir à retórica cínica forjada pelo discurso neoliberal. Ressaltamos que essa aliança entre o cineasta e o dramaturgo não leva à imitação servil, nem à diluição do potencial crítico e criativo das artes, proporcionando ao leitor e ao espectador uma experiência estética que é, ao mesmo tempo, uma experiência política, ética e existencial na qual o posicionamento na arena dos discursos não deixa espaço para a ilusão de que poderia haver um Adão bíblico.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, UNESP;HUCITEC, 1988.
- [2] \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2 ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- [3] \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- [4] \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4 ed., São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- [5] FOUCAULT, Michel. *Entrevistas concedidas a Roger Pol-Droit*. São Paulo, Graal, 2006.
- [6] GALCERAN, Jordi. *El método Grönholm*. Madrid, Fundación Autor, 2006.
- [7] LONDON, Jack. *To build a fire*. São Paulo, Special Book Services Livraria, 2001.
- [8] PIÑEYRO, Marcelo (Direção) *O que você faria?*. Produção: Francisco Ramos e Gerardo Herreiro. Argentina/Espanha/Itália: ArtFilms, c2005. 1 DVD.
- [9] SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la razón cínica*. 4ª ed., Madrid, Ediciones Siruela, 2007.
- [10] WACQUANT, Loic. *Las cárceles de la miseria*. 1ª ed., 2ª reimp., Buenos Aires, Manancial, 2004.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Prof. Dr. Antonio Carlos Clemente MATEUS**  
Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ)  
machado394@gmail.com